

DA REIFICAÇÃO À RESISTÊNCIA: A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE  
DENÚNCIA NOS VERSOS DE JORGE DE LIMA, CARLOS DRUMMOND DE  
ANDRADE E FERREIRA GULLAR

Rebeca Mendes Garcia<sup>1</sup>  
Larissa Cardoso Beltrão<sup>2</sup>

**Resumo:** Considerando que no cenário opressor moderno, há homens e mulheres fragmentados que perdem suas identidades humanas e são coisificados em função das imposições do sistema capitalista, objetivamos mostrar a Literatura enquanto denúncia dessa realidade social, a fim de que a arte da palavra seja um instrumento para desvendar os homens, suas ações e opressões. Assim, a obra literária pode tornar tanto escritores quanto leitores mais conscientes no que diz respeito ao universo que os cerca e, sobretudo, mais sensíveis e humanos. Por isso, neste trabalho, por meio de uma pesquisa bibliográfica, dedicamo-nos a apontar o poder humanizador da Literatura, tomando como *corpus* os poemas “Mulher proletária”, “Eu etiqueta” e “O açúcar” que revelam a reificação e também o papel engajado assumido pelos escritores Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar respectivamente. Concluímos, pois, que as pessoas coisificadas podem converter o seu olhar e tornar-se menos alienadas às condições às quais foram submetidas e, através também da escrita, denunciar as práticas. O sistema capitalista permanece ditando suas regras e impondo seu modo de produção de mercadoria e organização humana, porém, os trabalhadores, vistos como coisas, objetos para manuseio, a partir da leitura literária, não estarão alheios a isso.

**Palavras-chave:** Coisificação. Humanização. Literatura. Engajamento.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir de uma pergunta inicial: para que serve a Literatura? Diante dessa questão, buscamos entender as diversas funções da arte literária e de que modo ela pode interferir no meio social. O foco deste trabalho está no engajamento do escritor e também do leitor, com vistas a apontar os seus papéis na construção da obra literária e, sobretudo, as possibilidades de transformação do ser humano por meio da leitura e expor o processo de coisificação do homem ocasionado pelo sistema capitalista e seus princípios que oprimem e fragmentam o trabalhador.

Na primeira parte deste trabalho, embasamo-nos em Karl Marx, com base no livro

---

<sup>1</sup> Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade Dom Bosco. Graduada em Letras: Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Campos Belos. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Tocantins. Contato: rebecamgarcia@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Docente do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Campos Belos, e da Rede Estadual de Ensino do Estado do Tocantins. Contato: larissabeltrao@bol.com.br/laricinhabeltrao@hotmail.com

O capital – resumo literal (s/d) organizado por Luiz Bicalho; Manifesto comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels; Filosofando: introdução à filosofia (2009), de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins e História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista (2003), de Georg Lukács para discutirmos o sistema de produção capitalista, sua estrutura e formas de execução, assim como a relação social gerada por ele que se intensifica com a luta entre as classes burguesa e proletária.

A seguir, expomos as contribuições da literatura para a reorganização de valores humanos, tendo em vista todo o processo de coisificação. Essa arte, nesse contexto, tem um caráter engajado e serve como instrumento de denúncia das opressões diversas sofridas por homens e mulheres em função do capitalismo, conforme expõem Jean Paul Sartre em *Que é a literatura?* (2004) e Antônio Candido em *O direito à literatura* (1988).

Para comprovar essa denúncia, na parte final, analisamos três poemas cuja temática está relacionada ao trabalho do homem e sua coisificação: “Mulher proletária”, de Jorge de Lima; “Eu etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade e “O açúcar”, de Ferreira Gullar. Dessa maneira, ressaltamos a estreita relação entre Literatura e Sociedade e esclarecemos uma das funções primordiais da arte literária: a intervenção social.

### **O processo de coisificação do homem pelo sistema capitalista**

Desde as primeiras civilizações formadas, observamos a transformação da natureza por meio do trabalho do homem o qual gerou mudanças tanto nas pessoas, quanto nos locais onde viveram. Ao longo do tempo, esse trabalho fora organizado diferentemente, de acordo com os povos e suas ideologias em sistemas de produção como a escravidão, o feudalismo e o capitalismo.

O capitalismo, diferentemente desses outros sistemas, provoca uma relação explícita de compra e venda, ou seja, há o dominador na pessoa do capitalista, dono das fábricas e dos meios de produção, e o dominado, o trabalhador. A dominação exercida não se faz a mesma de um sistema escravocrata e feudal, porque o dominado se vende, isto é, vende sua força de trabalho por salário.

Em *O capital - resumo literal (s/d)*, Luiz Bicalho apresenta Karl Marx que comenta todo esse processo e sugere a decomposição do trabalho em três partes para que se efetive. Segundo este autor, há, nessa decomposição, a atividade pessoal do trabalhador, o

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.64-81.

objeto sobre o qual se atua e o meio através do qual age. Essa tríade provoca a reflexão de que para que seja realizada a atividade, alguns fatores devem ser organizadamente preparados: o objeto, nessa perspectiva, é a matéria natural em modificação, a qual está entre quem modifica e como modifica, isto é, o meio. Assim, com a junção desses fatores – objeto e meio – temos os meios de produção, possibilitando um processo de trabalho em que visa à utilização da força para alcançar algum fim.

Portanto, os proprietários têm os meios de produção, isto é, a matéria prima e os instrumentos e também a força de trabalho. Esses dois elementos são chave para que haja produção de mercadoria. Em função disso, aqueles que não os possuem – o trabalhadores - se tornam também propriedade, pois necessitam do salário para sobreviver. Podemos dizer que os capitalistas detêm não apenas os meios de produção, mas também aqueles que produzem.

Inserido nesse sistema, o homem abstrai as regras e se transforma, modificando a matéria como a si mesmo em mercadoria. Vejamos o que nos diz Bicalho, fundamentado nas concepções marxistas (s/d, p. 3):

O resultado do trabalho humano pré-existe idealmente na imaginação do trabalhador. Este não apenas opera uma modificação de forma nas matérias naturais; ao mesmo tempo, realiza aí o próprio fim de que tem consciência, que determina como lei seu modo de agir, e ao qual deve subordinar sua vontade.

Nessas palavras, notamos a profundidade do ato de trabalho para a vida daqueles que o operam. Não se limita apenas à modificação de uma matéria, o trabalho é também o meio pelo qual o trabalhador se organiza externa e internamente, de maneira que suas ações são ligadas à sua função, estabelecendo, também, o seu modo de existir e agir no mundo. Assim, de acordo com Aranha e Martins (2009, p. 67), “o ser humano se faz pelo trabalho, porque ao mesmo tempo em que produz coisas, torna-se homem, constrói a própria subjetividade”.

O trabalhador vende a sua força de trabalho e, conseqüentemente, vende-se, tornando-se objeto e parte constituinte do processo de produção capitalista. O trabalho regido pelo capitalismo faz do homem uma ferramenta, cuja utilização é temporária e conveniente aos interesses dos opressores.

Tendo em vista o crescimento do mercado e do capital, surge a necessidade de aumentar a massa de operários e fazer com que eles trabalhem mais e em menos tempo, Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.64-81.

gerando capital. Para tanto, ocorre a divisão desse trabalho. Cada trabalhador terá sua função e deverá operar em prol de mais mercadorias, tendo consciência do seu papel determinado, pois o vende. Assim, o prazer do trabalhador não está no produto, mas sim no seu valor.

Grande quantidade de trabalhadores, divididos de acordo com funções específicas, formando a unidade da produção de mercadorias caracteriza a manufatura capitalista. Nessa linha, notamos as implicações dessa divisão na vida dos trabalhadores. Como mencionamos, eles se fazem por meio de seu ofício, e se este é esfacelado, logo temos uma fragmentação conjunta. Nas palavras de Marx (BICALHO, s/d, p.16), “não apenas o trabalho é dividido, subdividido e repartido entre diversos indivíduos; o próprio indivíduo é retalhado e metamorfoseado em aparelho automático de uma operação exclusiva.”

As pessoas que produziam e sustentavam suas famílias por meio de atividades manuais, nas antigas corporações, na modernidade, tinham de vender suas forças de trabalho em troca de salário. O resultado do trabalho não mais era propriedade do fabricante, mas sim dos donos da fábrica, os quais pagavam pouco pela mão de obra dos operários. Por isso, segundo Aranha e Martins (2009, p. 38) “o fruto do trabalho deixa de pertencer aos trabalhadores e a sua produção passa a ser vendida pelo empresário, que retém os lucros. Está ocorrendo o nascimento de uma nova classe: o *proletariado* que de acordo com o dicionário Aurélio (2010, p. 115), a palavra vem no latim *proletariu*, “do povo”, “das classes desfavorecidas”. Aranha e Martins (2009, p. 39) comentam a realidade:

A nova classe é submetida a extensas jornadas de trabalho, de dezesseis a dezoito horas, sem direito a férias, sem garantia para velhice, doença e invalidez. As condições de trabalho nas fábricas são insalubres, por serem elas escuras e sem higiene. Embora todos sejam mal pagos, crianças e mulheres são arregimentadas como mão-de-obra mais barata ainda. Os trabalhadores moram em alojamentos inadequados e apertados, nos quais não se consegue evitar a promiscuidade.

Notamos a realidade cruel a qual os trabalhadores das novas indústrias estavam submetidos. Surge, então, uma dualidade que permeia essa relação de trabalho: os burgueses *versus* os proletários. Dessa maneira, tínhamos uma luta injusta entre as classes burguesa e proletária, sendo esta última igualada e/ou menosprezada em relação às próprias máquinas que utilizavam para produzir. Assim, um ciclo vicioso de opressão se formava, segundo Marx e Engels (1848, p.32) “O que o operário obtém com o seu trabalho é o estritamente necessário

para a mera conservação e reprodução de sua vida.”

Ao proletário, nesse contexto, não era dado valor humano, sendo comparado às máquinas e, muitas vezes, considerado pior que elas. Por meio dessa reflexão, observaremos o processo de coisificação do homem na era da indústria e da dominação burguesa. Esse sistema capitalista se caracteriza pela busca incessante de produção de mercadoria que gera o capital. De acordo com Aranha e Martins (2009, p. 326), “mercadoria é tudo o que é produzido tendo em vista o *valor de troca* e não o *valor de uso*. Ou seja, a mercadoria é o que se vende, enquanto o valor de uso está, por exemplo, na roupa que fazemos para nosso próprio uso”.

Por meio dessa definição, podemos dizer que a mercadoria do proletário é a sua força de trabalho e ela deve sustentá-lo. Ou melhor, como se vende em troca de salário, o operário se torna a própria mercadoria. Aranha e Martins se baseiam nas ideias de Marx para confirmar que “na economia capitalista prevalece a lógica do mercado, em que tudo tem um preço, ou seja, ao vender sua força de trabalho mediante salário, o operário também se transforma em mercadoria” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 70).

Até mesmo os salários recebidos pelos trabalhadores e sua carga horária não estavam em seu controle, sendo, então, definidos pelos burgueses, os patrões. Dizemos que os operários eram alheios às suas próprias vidas e, assim, alienados, tomando a palavra alienação como “vem do latim *alienare*, ‘afastar’; *alienus*, ‘que pertence a um outro’” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 70). Alienados, os produtores perdem o resultado do seu trabalho. Essa afirmação direciona-nos ao *fetichismo de mercadoria e reificação do trabalhador*, abordados por Georg Lukács em *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista* (1989). Trataremos dessas ideias para explicarmos a coisificação do homem ocasionada por todo o processo de industrialização das fábricas. É importante definirmos as duas principais palavras. São elas: fetichismo e reificação.

Ainda segundo os estudos de Aranha e Martins (2009, p. 70), fetichismo é “o processo pelo qual a mercadoria, um ser inanimado, adquire ‘vida’ porque os valores de troca tornam-se superiores aos valores de uso e passam a determinar as relações humanas, ao contrário do que deveria acontecer”.

Se observarmos a relação entre burgueses e proletários, veremos os valores de troca, isto é, a troca entre o trabalho e o salário sobrepondo-se ao próprio uso das mercadorias produzidas. Então, o mais importante a ser frisado, de acordo com as ideias de Marx (s/d), é que o objeto, no sistema capitalista, tem mais valor que o seu próprio produtor, uma vez que

somente ele interessa para o dono da fábrica e para o seu empregado. Primeiramente, porque para este é através da elaboração do produto que conseguirá o sustento de sua família; para aquele, porém, o mesmo vendido lhe proporcionará riquezas e luxos desmedidos.

É essa busca incessante pelas mercadorias que direciona a relação de opressão entre burgueses e proletários. A mercadoria torna-se o *fetichê*, isto é, “objeto a que se atribui poderes sobrenaturais” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 70). Em outras palavras, é o objeto desejado e almejado tanto pelo opressor, quanto pelo oprimido. Atribuída a ele tamanha importância, transferem-no da condição de coisa a um ser animado, cuja “vida” exerce muita influência no modo de viver dos envolvidos no sistema de produção capitalista.

Em consequência da humanização das mercadorias, há o processo de *reificação* “do latim *res*, “coisa” é a transformação dos seres humanos em coisas. [...] a “humanização” da mercadoria leva à desumanização da pessoa, à sua coisificação, isto é, o indivíduo é transformado em mercadoria” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 70).

Podemos inferir, tendo em vista o processo de coisificação do homem e de humanização da mercadoria, que o ser perde o seu valor humano, pois sua função se limita à incessante produção de bens, sendo feita sem amparos justos e favoráveis para a execução dela. A dignidade humana se esvai no momento em que o trabalhador vive como indigente, trabalha em fábricas insalubres e sua força de trabalho é vendida, sendo, portanto, o próprio homem mercadoria.

### **Literatura e Humanização**

A Literatura pode ser vista como instrumento de auxílio para o indivíduo superar a condição de opressão a qual o sistema capitalista o submeteu, ao apresentar-lhe a arte como denúncia e possibilidade de humanização. Entendemos por Literatura, em um sentido amplo, a arte da palavra, isto é, manifestações artísticas de cunho lírico, épico ou dramático que utilizam a palavra como objeto. Ela é também a representação de vários povos e culturas.

Antônio Candido em *O direito à literatura* (1988) sugere que essa arte nos humaniza, isto é, “não *corrompe*, nem *edifica*, portanto; mas trazendo livremente em si o bem e o que chamamos de mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1988, p. 176, grifos do autor). Candido (1988) expõe sua visão e defende a necessidade que o homem tem de se alimentar da palavra literária. Este autor acredita ser ela uma maneira de

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.64-81.

transformar as pessoas e torná-las mais íntegras.

Para tanto, consideremos, primeiramente, a arte literária como ficcional, uma “espécie de fabulação” (CANDIDO, 1988, p. 174). Feito isto, notaremos que o ser humano, em épocas distintas, se deteve em aventurar-se no mundo imaginário, inventando, sonhando e criando, até mesmo, um mundo distinto do real, no qual os seus mais íntimos desejos poderiam se concretizar. Assim, foram criadas várias manifestações literárias, desde cantigas de roda às novelas televisivas. Por meio delas, também alcança-se o entretenimento, pois geram satisfação pessoal e coletiva enquanto suas experiências imaginárias são narradas.

Essa capacidade de fabulação, segundo Candido, interfere no consciente e subconsciente do ser, de modo que confirma sua existência humana ao representá-la. Aqueles que produzem a arte articulam as palavras e nesse processo se organizam, possibilitando a outras pessoas o contato com a obra e também a organização de sua personalidade. Nas palavras de Candido (1988, p. 175):

Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo.

Dessa maneira, as ações do homem podem ser direcionadas e pautadas em uma estrutura artística que visa à superação do caos existente nas pessoas e no mundo no qual vivem. Esse caos pode ser várias situações como a opressão, a miséria, o preconceito, cujos efeitos se amenizam pelo contato com a arte.

Podemos entender a arte da palavra como meio de instruir e educar, adquirir conhecimentos, enriquecer o intelecto e tornar as pessoas mais cultas no que se refere a conhecimentos de mundo e linguísticos. Sendo, pois, o acesso à cultura um direito de todas as pessoas, defendemos a ideia de que a Literatura também seja um direito básico e, portanto, deve ser acessível e valorizada.

Além disso, lendo, temos a possibilidade de modelizar uma situação, isto é, experimentar situações diversas, mesmo imaginárias, e nos posicionarmos no lugar de outras pessoas que tenham vivências diferentes. Isso é humanizar-se. Em outras palavras, é sermos capazes de deslocarmos do lugar comum no qual estamos e conhecermos a realidade do outro e, assim, conhecermos também a nós mesmos. Em suma, a Literatura permite uma conversão

do olhar daquele que lê, pois este começa a ver o mundo por um novo viés e abandona a perspectiva individualista do olhar rotineiro e limitado à sua própria realidade.

Nessa perspectiva, Jean Paul Sartre, filósofo e escritor, em *Que é a literatura* (2004) afirma ser a Literatura uma forma de desvendar o mundo. Segundo o autor, a realidade é “desvendante”, pois pode-se reconhecer, através dela, o ser. É a presença do homem que faz com que haja desvendamento. Produzindo arte, pode-se sentir relevante para a transformação do meio. Na concepção de Sartre (2004, p. 21), “o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade.”

É importante enfatizar que mesmo acreditando no poder conscientizador e transformador da literatura, não queremos afirmar que ela por si só é capaz de acabar com as desigualdades sociais, extinguir a fome, interromper a violência. Mas por meio da leitura pode-se modificar a personalidade humana e redirecionar o olhar das pessoas, tornando-as mais humanas e compassivas.

De acordo com Sartre (2004), a obra possui uma finalidade ao ser construída, se apresenta aos leitores como uma tarefa a cumprir. Por isso, tem como pressuposto a ação. Assim, o autor defende que falar é agir, ou seja, o ato de produzir uma literatura que denuncie o homem e seu existir no mundo implica um modo de modificar as incoerências deles, uma vez que permite o conhecimento e a tomada de decisão em face das mesmas. Nas palavras de Sartre,

falar é agir; uma coisa nomeada não é mais inteiramente a mesma, perdeu a sua inocência. Nomeando a conduta de um indivíduo, nós a revelamos a ele; ele se vê. E como ao mesmo tempo a nomeamos para todos os outros, no momento em que ele se vê, sabe que está *sendo visto*; seu gesto furtivo, que dele passava despercebido, passa a existir enormemente, a existir para todos, integra-se no espírito objetivo, assume dimensões novas, é recuperado. Depois disso, como se pode querer que ele continue agindo da mesma maneira? Ou irá perseverar na sua conduta por obstinação, e com conhecimento de causa, ou irá abandoná-la. Assim, ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, *para* mudá-la; [...] a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que ultrapasso na direção do porvir. (SARTRE, 2004, p. 20, *grifos do autor*)

Como vimos na citação, o ato de nomear as condutas das pessoas provoca um comprometimento maior a fim de alcançar a confirmação ou a recusa dessas condutas. Por

isso, a Literatura não é inofensiva, pode manifestar intenções prévias de quem escreve, visando determinado fim. Segundo Candido, ela “tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções” (CANDIDO, 1988, p. 175-6). Assim, geralmente, há uma ruptura com as ideologias dominantes, pois tanto o escritor, quanto o leitor engajado se posicionam criticamente diante dos fatos e os questionam, não se limitando às ordens direcionadas à massa popular.

Ao longo da história, vemos exemplos que mostram a proibição de livros considerados pelos opressores prejudiciais para a comunidade leitora. Questionamos, então, quais os supostos malefícios esses livros poderiam trazer aos leitores? A resposta, tendo em vista o engajamento da Literatura, se pauta na ideia de que essa arte não permite o comodismo, a aceitação das imposições sociais, sem antes incutir nos leitores a necessidade de refletir e opinar. Ler torna-se perigoso, principalmente aos dominadores que conforme seus interesses visam o controle e a submissão dos dominados.

Sendo assim, a Literatura também é libertação das opressões e condicionamentos de alguns homens sobre os outros. Portanto, ajuda as pessoas a se posicionarem diante dos fatos, assumindo uma postura ativa e crítica na sociedade.

Em *Literatura para quê* (2009, p. 29) Compagnon afirma que ler é indispensável para viver, porque a vida se clareia para aqueles que leem. Assim, confirmamos a ideia de Candido (1988) de que a arte literária faz viver, uma vez que o homem em contato com ela não é apenas um objeto a ser manipulado pelos dominadores, mas sim um ser pensante, cuja existência é ativa e participativa em prol da construção de um novo mundo.

### **A coisificação do homem na poesia brasileira**

Os poemas escolhidos foram “Mulher proletária”, de Jorge de Lima; “Eu-etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade e “O açúcar”, de Ferreira Gullar com o intuito de exemplificar o engajamento poético desses autores e mostrar a denúncia.

Em “Mulher proletária”, Jorge de Lima expõe a história dessa classe vítima de injustiças. Desde o título, observamos a generalização do poeta, como se ao citar o substantivo *mulher* pudesse alcançar a todas que se reconhecessem na amarga condição de operárias. Os primeiros versos dizem:

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.64-81.

Mulher proletária — única fábrica  
que o operário tem, (fábrica filhos)  
tu  
na tua superprodução de máquina humana  
forneces anjos para o Senhor Jesus  
forneces braços para o senhor burguês. (LIMA, 1978, p. 21)

As mulheres, nesse contexto, representam as máquinas humanas, sujeitas às imposições dos maridos, os também operários explorados, que as tratavam como objetos sexuais e, ao mesmo tempo, objetos de produção doméstica, uma vez que tinham o dever de fabricar e de cuidar dos filhos que, geralmente, eram muitos e, além disso, se encarregavam ainda de cuidar sozinhas, das demais atividades corriqueiras. Realidade essa que pode ser comprovada nos versos “mulher proletária – única fábrica que o operário tem” (LIMA, 1978, p. 21). A condição feminina era de submissão e a sua função principal se limitava à produção eficiente de filhos para satisfazer as vontades do marido exigente como um burguês/patrão.

Destacamos ainda o processo cíclico denunciado pelo poeta. Os filhos de hoje serão os operários de amanhã e, possivelmente, os do sexo masculino terão o mesmo destino de seus pais, homens máquinas. E as de sexo feminino desempenharão, como suas mães, o papel de mulheres fábricas, cabendo a elas o dever de oferecer braços para o senhor burguês e, de preferência, braços sem cérebro.

Notamos a presença da religiosidade no poema que permite o questionamento acerca das famílias proletárias e as condições de vida dadas aos filhos. Jorge de Lima, poeta moderno, convertido para o catolicismo, menciona a presença de seres divinos (os anjos) e de Jesus Cristo. Nesse momento, ele faz alusão às crianças, comumente chamadas de anjos pelo discurso cristão católico em função de sua pureza. Além disso, a alusão aos seres religiosos faz referência à morte prematura desses bebês, tendo em vista a vida precária dos pais – os operários – possuidores de baixa renda, que se dispunham de má alimentação sendo quase nulas suas possibilidades de acesso à saúde de qualidade. É importante ressaltar, nesse contexto, o poder impositivo da Igreja, enquanto instituição, visto que os métodos contraceptivos não eram utilizados pelo “povo”, já que o sexo estava ligado exclusivamente à procriação, o que pretende esclarecer o poeta. Por isso, os anjos são “fornecidos”, – termo comumente utilizado pelos comerciantes – como mercadorias ao Senhor Jesus, ou seja, as crianças morrem por não terem condições dignas de sobrevivência e descansam no colo do

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.64-81.

Senhor Jesus.

De sorte que, como citamos no excerto acima, os que não resistissem à situação precária seriam elevados à condição de anjos do Senhor Jesus, mas os que vingassem, em poucos anos, seriam transformados, como seus antepassados, em braços para o senhor burguês. Lima continua a sua percepção da realidade e a expõe, objetivando dar sentido à vida de tantos homens, cujos direitos estavam sendo negligenciados. Vejamos:

Mulher proletária,  
o operário, teu proprietário  
há de ver, há de ver:  
a tua produção,  
a tua superprodução,  
ao contrário das máquinas burguesas  
salvar o teu proprietário. (LIMA, 1978, 21)

Nos versos supracitados, temos uma evocação do poeta que procura o rompimento do processo cíclico. Os filhos, então, poderiam ser a salvação dos pais, caso assumissem a condição de heróis, agindo para que as circunstâncias às quais eram submetidos fossem transformadas e gerassem uma perspectiva mais promissora. Sob o signo religioso, caberia a mulher o papel de protagonista, pois os heróis seriam gerados por ela.

Portanto, a literatura cantada através da voz de Jorge de Lima em “Mulher proletária” apresenta um caráter redentor, uma vez que denuncia os horrores sofridos pela esfera popular da sociedade, enfatizando a condição precária de vida à qual o operário brasileiro estava submetido.

Em “Eu etiqueta”, escrito por Andrade (1984), enfatiza-se o caráter consumista gerado pelo próprio capitalismo exacerbado em que não há a preocupação com a essência do ser, mas sim com aquilo que este possui. Pois, para a sociedade capitalista, o valor do ser humano é medido pelos bens adquiridos.

Desde o título do poema, o homem é apresentado como mera propaganda de algum produto, visto que a etiqueta é o símbolo, a marca registrada que permite reconhecer de onde veio a peça comprada. Nos primeiros versos, “em minha calça está grudado um nome/que não é meu de batismo ou de cartório/ um nome... estranho” (ANDRADE, 1984, p. 85) vemos a aquisição de uma calça na qual há “um nome” que não é do proprietário, mas do fabricante. Em contrapartida, sabemos que todas as pessoas, quando nascem, são nomeadas para que assim sejam reconhecidas pela sociedade. Por isso, o sujeito lírico faz alusão ao novo

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.64-81.

nome do indivíduo: a marca do produto adquirido. Ou seja, seguindo a lógica consumista, não importa mais o nome dado no batismo ou no cartório, uma vez que as pessoas se tornam visíveis pela mercadoria que compram e usam, ou melhor, se tornam as próprias mercadorias.

Assim, o ser transformado em mercadoria está alheio à realidade, pois desconhece o nome “estranho” e não entende todos aqueles “lembretes” em suas roupas, calçados e acessórios. O homem é inserido no redemoinho capitalista e conduzido ao consumo sem ter consciência de seu condicionamento aos princípios do “ter”. Vejamos:

Meu blusão traz lembrete de bebida  
Que jamais pus na boca, nessa vida,  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
Que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produtos  
Que nunca experimentei  
Mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
De alguma coisa não provada  
Por este provador de longa idade. (ANDRADE, 1984, p. 85)

Esses versos explicitam o consumo incontrolado e inconsciente do comprador, pois ele adquire os produtos como visto por meio dos pronomes possessivos “meu” e “minha”, mas não experimentou, provou, ou sequer conheceu todas aquelas marcas. É impulsionado a comprar porque a sociedade, através de propagandas e estereótipos, o atrai transformando-o ideologicamente numa pessoa conhecida e valorizada. A seguir, o sujeito lírico cita diversos objetos:

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
Minha gravata e cinto e escova e pente,  
Meu copo, minha xícara,  
Minha toalha de banho e sabonete,  
Meu isso, meu aquilo. (ANDRADE, 1984, p. 85)

No poema, as coisas estão em destaque e o sujeito lírico sugere que elas se sobrepõem ao próprio dono. As palavras “lenço”, “relógio”, “chaveiro”, “gravata”, “cinto”, “escova”, “pente” representam o consumo e também incluem os homens em determinada classe dominante, tendo em vista que apenas os componentes dela podem usufruir de tantos bens materiais. Em suma, as coisas compradas assumem o valor humano e os homens perdem-no, por não serem mais reconhecidos por seus nomes ou características pessoais, mas sim pelos objetos e suas respectivas marcas.

Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.64-81.

Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
São mensagens,  
Letras falantes,  
Gritos visuais,  
Ordens de uso, abuso, reincidências.  
Costume, hábito, premência,  
Indispensabilidade  
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
Escravo da matéria anunciada. (ANDRADE, 1984, p. 85)

A palavra cabeça remete, primeiramente, à ideia do corpo todo desde o começo ser coberto por etiquetas e propagandas. Mas também podemos entender essa palavra com um sentido mais amplo, sendo que a cabeça simboliza o cérebro, a parte do corpo pensante responsável por controlar todo o resto encontra-se envolta, tampada. Marcar a cabeça significa que o processo coisificante pode controlar todo o ser. Além de as mensagens estarem na parte superior do corpo, vão até os pés “ao bico dos sapatos”, confirmando a influência da moda em todo o ser.

O sujeito lírico, em certo momento do poema, assume a sua nova condição: homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada. Desde o início do poema, questiona-se quem é, descobrindo, logo, não a sua identidade, pois a perdeu, mas a sua função de ser coisa e atrair, cada vez mais, outros consumistas. O homem moderno se coisifica e é escravizado pelos ideais capitalistas que exaltam o poder e o status social conquistados por meio do dinheiro e da compra. São essas as ordens capazes de fixar os hábitos e permitirem a prisão do indivíduo no consumismo, de modo a transformá-lo em propagandas baratas para outras se inserirem nessa “onda do ter”. Vejamos:

Com que inocência demito-me de ser  
Eu que antes era e me sabia  
Tão diverso de outros, tão mim mesmo,  
Ser pensante sentinte e solitário  
Com outros seres diversos e conscientes  
De sua humana, invencível condição. (ANDRADE, 1984, p. 87)

A palavra “inocência” no trecho em destaque demonstra a perda de controle do sujeito sobre si mesmo que passa a se submeter às regras do capitalismo e se “demite” – termo usado quando as relações de trabalho se encerram – na tentativa em vão de romper o vínculo. É evidente a indignação instaurada no sujeito lírico ao perceber que se igualou aos demais,  
Anais da III Semana de Línguas e Literaturas do Campus Campos Belos. UEG, 2017. p.64-81.

sendo, portanto, apenas mais uma marionete. Antes, se descreve um ser “pensante”, “sentinte” e “solitário”. Ao ser escravizado pelo consumo, se perde, deixa de pensar e é inserido na classe dominante onde há muitas pessoas, porém, está sozinho. Cada pessoa, nesse contexto, ganha caráter de coisa, submissa e descartável, uma vez que só serve enquanto o mercado a considerar valiosa.

Consciente disso, o sujeito lírico ainda afirma não receber por seu “serviço” publicitário. Pelo contrário, é ele quem paga por essa condição, estando inserido na engrenagem capitalista e consumista, e, então, ajudando a girá-la, comprando cada vez mais artigos supérfluos e carregando em si a marca desses produtos que o fazem coisa também.

Nos questionamentos feitos pelo sujeito lírico no fim do poema, entendemos a completa alienação do homem, cujos traços essenciais se perderam. Versos escritos na primeira pessoa do singular indicam a culpa assumida pelo próprio sujeito que acredita ter sido responsável por sua decadência. Não se percebe, porém, como coisa neste mundo capitalista. O homem moderno perdeu a identidade, a capacidade de optar, os desejos pessoais e o seu lugar é a vitrine das lojas, onde se pode ser visto superficialmente e comprado. Percebamos:

Onde terei jogado fora  
meu gosto e capacidade de escolher,  
Minhas idiosincrasias tão pessoais,  
Tão minhas que no rosto se espelhavam  
E cada gesto, cada olhar  
Cada vinco da roupa  
Sou gravado de forma universal  
Saio da estamperia, não de casa,  
Da vitrine me tiram, recolocam. (ANDRADE, 1984, p. 87)

Os versos finais retratam o processo concreto de coisificação do homem, antes pensante e possuidor de sentimentos agora desfeito e transformado em “objeto pulsante mas objeto”. O coração ainda pulsa, muito embora não haja vida real, apenas alguém colocado à venda e aprisionado no consumismo. Há uma continuação desse processo, pois o próprio sujeito lírico “se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados”.

Resta a exibição do “não eu”, da coisa produzida, “do artigo industrial”. Por fim, um último pedido, ainda com orgulho, “por me ostentar assim, tão orgulhoso de ser não eu, mas artigo industrial, peço que meu nome retifiquem. Já não me convém o título de homem.

Meu novo nome é Coisa. Eu sou a Coisa, coisamente” (ANDRADE, 1945, p. 99). Dessa maneira, o homem reificado se estabelece, quando o seu nome também é modificado. Torna-se Coisa, com letra maiúscula, e objeto manuseado pelos consumistas.

Nos versos de “O açúcar”, de Ferreira Gullar, Nos versos supracitados, observamos, pois, que o poeta aparentemente imerso em uma realidade, por ora distante, tem uma súbita tomada de consciência. O poema em questão foi publicado em 1975, seus versos representam uma tentativa, por parte do poeta, de expressar sua indignação face à situação socioeconômica do Brasil e do mundo. Consciente de que o produto utilizado para adoçar o café não surgiu por milagre, tampouco o fez, ele descreve o seu valor:

Vejo-o puro  
e afável ao paladar  
como beijo de moça, água  
na pele, flor  
que se dissolve na boca. Mas este açúcar  
não foi feito por mim.  
Este açúcar veio  
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.  
(GULLAR, 1975, p. 44)

O sujeito lírico reafirma que o açúcar não foi feito por ele, nem por quem o vende, isto é, o Oliveira, dono da mercearia. Assim, retoma todo o processo de fabricação, começando pela venda, para que seja feita uma reflexão sobre o açúcar que consomem. Este produto, como visto, é comparado aos grandes prazeres da vida, de modo que torna-se claramente saboreado. O processo se esclarece nos versos seguintes:

Este açúcar veio  
de uma usina de açúcar em Pernambuco  
ou no Estado do Rio  
e tampouco o fez o dono da usina.  
Este açúcar era cana  
e veio dos canaviais extensos  
que não nascem por acaso  
no regaço do vale.  
Em lugares distantes, onde não há hospital  
nem escola,  
homens que não sabem ler e morrem de fome  
aos 27 anos  
plantaram e colheram a cana  
que viraria açúcar. (GULLAR, 1975, p. 44-5)

O poeta permite ao leitor conhecer a origem do produto e incita a necessidade de observar a vida daqueles que realmente possibilitaram a chegada do açúcar às mesas. Os plantadores de cana são homens indigentes, que moram em locais distantes, não tem acesso à educação, não podem se alimentar devidamente e, por isso, morrem muito novos, sem terem, de fato, o direito à vida.

Além disso, esse posicionamento remete-nos ao processo de coisificação do homem, na medida em que, enquanto leitores, vamos descobrindo que o material que adoça a vida de um pequeno grupo de pessoas mais favorecidas, é fruto da amargura vivenciada por homens que não têm acesso aos bens que Antônio Candido (2000, p.173) denominou fundamentais.

Ademais, o poeta, a partir das antíteses sugeridas pelo contraste entre branco e escuro, doce e amargo, revela a contradição entre a vida simples e cruel nos canaviais e a vida luxuosa e confortável no bairro de Ipanema:

Em usinas escuras,  
homens de vida amarga  
e dura  
produziram este açúcar  
branco e puro  
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema. (GULLAR, 1975, p. 45)

Nesse contexto, a postura consciente assumida pelo poeta Gullar, revela-nos sua inquietude em relação à condição de vida dos produtores de açúcar condicionados à opressão e, portanto, sendo coisificados. Como visto, o açúcar, consumido em Ipanema, bairro nobre do Rio de Janeiro, veio de lugares distantes e foi produzido por homens valentes, cujo papel se limita ao de meros braços para se produzir e servir aos moradores da classe alta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, procuramos expor o processo de coisificação do homem no contexto de ascensão do sistema capitalista que modificou os valores da sociedade, no Brasil e no mundo, e tornou os trabalhadores meros objetos expostos à venda.

Sistema este que provocou a divisão do trabalho em várias etapas e, então, impôs aos homens e mulheres a fragmentação de suas atividades, visto que já não tinham mais

controle sobre o trabalho completo, apenas sobre sua função isolada. Desse modo, notamos que inconscientemente os operários também se fragmentaram e perderam sua totalidade.

A partir das análises dos poemas selecionados, procuramos enfatizar que essa arte possibilita o resgate da totalidade do ser fragmentado, uma vez que pressupõe uma relação de diálogo entre o escritor, a obra e o leitor. No processo de escrita, o escritor engajado projeta desvendamentos das imposições do capitalismo, de modo a construir o seu texto objetivando provocar no leitor alguma reação diante da denúncia feita. O leitor, por sua vez, deve assumir uma postura ativa para desvendar a crítica permitindo que a obra literária se concretize, haja vista que isso só ocorre na leitura.

Assim, a literatura possibilita ao escritor e ao leitor conhecerem o mundo, se responsabilizem por ele e tornarem-se pessoas mais conscientes e aptas a questionar e, conseqüentemente, a não aceitar certas ações dominantes e ela pode assumir o caráter humanizador, pois quem lê criticamente tem maiores possibilidades de reconhecer o mundo, o outro e a si mesmo, e assim, resgatar a essência humana esfacelada.

Diante do exposto, consideramos a leitura literária imprescindível para que haja homens e mulheres mais críticos e ativos na sociedade. Como sugere Candido (1988), a literatura é um direito alienável e privar o ser humano da leitura literária é tirar dele a chance de exercer seu papel na sociedade de maneira consciente. Portanto, mais que um direito, a literatura é arte e instrumento de combate contra a alienação e a opressão do ser.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Eu etiqueta. In: \_\_\_\_\_. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 85-87.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BICALHO, Luiz de Carvalho. **Karl Marx**: O Capital - Resumo Literal. Rio de Janeiro: Edições Novos Rumos, [s/d.].

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1988.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

CROCCO, Fábio Luiz Tezini. **Georg Lukács e a reificação**: teoria da constituição da realidade social. *Kínesis*, Marília, v.1, n. 2, p. 49-63, 2009.

GULLAR, Ferreira. O açúcar. In: \_\_\_\_\_. **Dentro da noite veloz**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 44-5.

ISENSEE, Adriana Sestrem. **A leitura literária na formação humana**: um olhar discente. 2004. 79 f. Dissertação (em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau – FURB, Blumenau, 2004.

LIMA, Jorge de. Mulher proletária. In: \_\_\_\_\_. **Antologia poética**. São Paulo: José Olympio, 1978. p. 21.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos de dialética marxista. Tradução de Telma Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>. Acesso em: Agosto de 2013.

ORTIZ, Renato. O Mercado de bens simbólicos. \_\_\_\_\_. In: **A moderna tradição brasileira**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004.